

# O YOUTUBE E A MEMÓRIA: UM ARQUIVO PARA ALÉM DAS IMAGENS E DAS COISAS

Wilson Oliveira da Silva Filho  
[wilsonoliveirafilho@yahoo.com.br](mailto:wilsonoliveirafilho@yahoo.com.br)  
<http://lattes.cnpq.br/3887403771911100>

“A memória é uma ilha de edição”  
Waly Salomão

## 1- INTRODUÇÃO

A partir da concepção de Marshall McLuhan que propõe os meios de comunicação como extensões do homem, ferramentas da imagem como o *Youtube*, o *Second life* e o *Google maps* parecem finalmente recriar os homens; estendem-nos para outros lugares, para outras vertentes. Outras possibilidades da imagem surgem na rede, o que nos leva a considerar necessário uma outra leitura do audiovisual no contemporâneo. Esse artigo nasce da tentativa de mapear o universo visual e sonoro na grande rede, compreendendo as implicações com a memória. Nesse sentido tentamos compreender o Youtube a partir da relação entre tecnologias e outros saberes nas escrituras polisêmicas contemporâneas que direcionam esse congresso, discutindo uma nova potência mnemônica advinda com a rede.

No seio de uma sociedade informacional, a análise de novos dispositivos imagéticos, de novas imagens, de outras formas de difundi-las são elementos decisivos para a compreensão da rede como mais que um banco de dados. Inicialmente um banco de textos; hoje um arquivo audiovisual sem igual. Refletir que não mais assistimos as coisas da mesma forma de outrora, seja a partir do meio, seja partindo da mensagem, pode ser embarcar na aventura sensorial e ambivalente que as imagens da rede criam, despertam e circulam. Uma outra linguagem surge na nova configuração audiovisual da rede. Resistir com as imagens do virtual aos ditames dos *mass media* pela criação, participação e experimentação, através da dinâmica da rede mundial de computadores e de sua nova possibilidade advinda com a *web 2.0* que, para além de um rótulo, consolida uma postura de colaboração e especialização do uso é continuar afirmando que navegar é preciso.

Dos hipertextos às imagens na rede, de certo novos regimes para o audiovisual precisam ser pensados. Esse novo painel que a *web* revela tenta aqui ser vetorizado com

um único sentido: uma análise das imagens na internet, enfatizando o fenômeno *Youtube.com*; e em duas direções... A primeira surge com a enxurrada de informações<sup>1</sup> que a rede mundial de computadores começou a projetar nos anos 90, e que, com a entrada em cena das imagens em movimento no movimento da cibercultura atualmente, faz a rede se constituir não mais como a biblioteca de babel, mas como um novo acervo iconográfico, possibilitando uma nova forma de se conceber e de se conectar às imagens na internet.

Analisar as imagens da rede constitui um novo desafio no universo da pesquisa em comunicação. Para o estudioso dos meios, para mais uma vez lembrarmos McLuhan, o desafio é tão grande quanto a própria rede. Sem começo nem fim, o *Youtube* consolida-se. Fiquemos aqui, a guisa de introdução, com um breve exemplo em forma de pergunta. Que imagem vemos no *Youtube* em termos formais e em termos de um conteúdo que se cerca por outras imagens da rede?

Em termos formais assistir uma tela dentro de outra tela já constitui por si só uma nova imagem<sup>2</sup>. Ao pensarmos tais imagens, dissociando meio de conteúdo, as possibilidades entram em terreno novo e inexplorado. Caleidoscópio de mediações. Conteúdo puro. Se não dissociarmos figura e fundo, a imagem advinda com a cibercultura - ou com as novas mídias - é uma imagem de imagens. E da mesma forma, possibilidades. Puro meio. De um jeito ou de outro essa indagação nos coloca diante de um novo paradigma das imagens na rede.

A segunda direção é balizada pela questão da memória. A relação entre imagem e memória ganha na ambiência novas possibilidades. Proust talvez tenha previsto o fenômeno das imagens na rede. Na visão de seu comentador Brassäi, a relação entre imagem e memória parece-nos beirar um breve acesso ao site *Youtube*.

Domínio desconhecido, ateliê do passado, abarrotado de campanários, rostos de raparigas, flores murchas, mil outras formas em que toda vida está morta. Logo a memória é para Proust ora uma imensa biblioteca,

---

1 O teórico da cibercultura Pierre Lévy não poupa a imagem do dilúvio em termos, agora, informacionais. *Bits e bytes* em uma descarga entrópica substituem o imaginário bíblico em nome da urgência da sociedade da informação mediada pelas novas tecnologias. Cf Pierre Lévy, *Cibercultura*, São Paulo, Editora 34, 2001. Otimista quanto às possibilidades do novo meio, Lévy percorreu o imaginário da rede antes que as imagens invadissem-na.

2 Há alguns anos já nos acostumamos com pequena tela dentro dos monitores de computador. Em alguns aparelhos de televisão recursos como o PIP (*Picture in Picture*) já existe há algum tempo. O *Youtube* potencializa essa questão material, evidentemente porque a pequena tela “carrega” de forma mais rápida. Na rede, por esse prisma, a tela é a mensagem.

arquivos “tão vastos de que grande parte nunca iria examinar”, ora um tesouro desconhecido escondido bem ao nosso alcance, porém quase inacessível. ( Brassäi, 2005: 155-156)

Propor que as imagens na rede são além de arquivos, tesouros, é passear por um mundo novo de conceitos do âmbito do audiovisual atrelado as novas tecnologias. Do universo semiótico a uma análise puramente midiática, passando pelos regimes deleuzianos de imagem - a reboque de Henri Bergson - para compreender o cinema ou, por exemplo, pelo recente método de Arlindo Machado para levar a televisão a sério, a imagem na rede, as imagens da rede recolocam o problema das imagens para o homem contemporâneo. O universo das novas tecnologias recondiciona a relação do homem com suas imagens e sons. Na frente da tela ou no celular, o homem deveio um produtor de imagem. Somos todos homens com câmeras e distribuimos pela internet nossos produtos. Esses, para além do bem e do mal, reforçam, como imaginamos, o caráter libertário e a potência mnemônica da rede.

## 2- A QUESTÃO DA MEMÓRIA

Uma vez mais com o amadurecimento de um meio, a questão da memória parece entrar em cena com as imagens dos sites por aqui já mencionados. Debruçar-se sobre essas imagens para compreender a memória, para além da idéia de banco de armazenamento, é refletir que a memória que as imagens da rede fornece é uma memória sempre presente (que os meios de comunicação de massa e a internet, até o surgimento de ferramentas como o *Youtube*, não possuíam de forma direta). A cibercultura nos convida mais do que nunca ao entendimento das imagens por ela criada. No entanto, o fenômeno do uso das imagens em movimento na rede é recente. Esse artigo tenta apontar para um outro convite: Compreender as imagens na rede propondo um inventário, uma taxionomia, um mapeamento, uma cartografia das imagens na *world wide web* a partir da matriz de pensamento que preconiza a diferença como referencial do contemporâneo. Embora só endereçamos esse convite, e não o façamos nesse artigo, mencionar a necessidade de catalogar as imagens na rede é no mínimo uma saudável provocação. Uma memória do *Youtube* prima pela sua volatilidade – alguns vídeos entram e saem do ar em velocidade espantosa – e o *Youtube* como ferramenta da memória do homem nos seduz pela sua literalidade – os vídeos parecem criar um outro

ambiente das imagens na rede que confere ao homem uma outra conexão com suas lembranças.

A idéia que Derrick de Kerckhove encerra seu livro “A pele da cultura” de que “um novo ser humano está para nascer” (Kerckhove, 1997: 284) parece ter no dispositivo imagético uma constatação. Dos tempos hiperestimulados que antecedem o início do cinema e marcam a modernidade aos tempos hipermodernos - ou qualquer outra denominação para o contemporâneo - entendemos uma nova possibilidade de encarar as imagens. Esse novo ser humano através de suas tecnologias é um ser-da-memória. Um novo ser humano parece nascer na rede mundial de computadores. O homem-máquina que pauta-se pela interação. Interagir com imagens ajuda-nos com o porquê de nossa preocupação. Pelas linhas retorcidas da rede, a memória é cada vez mais social. As imagens terminais do *Youtube* a toda hora convocam o homem a se conectar com a memória. Tais conexões entre memória e a imagem no ambiente virtual podem traduzir para o homem hiperconectado uma nova forma de ler o mundo. Tudo aquilo que a televisão digital promete e ainda não cumpre tem em ferramentas como o *Youtube* sua verificação. Mais uma vez lembramos que a internet não se trata mais somente de uma biblioteca de babel com o registro imagético invadindo a rede mundial de computadores, ela relaciona-se com uma nova configuração da memória. De uma memória individual para uma nova conexão com o outro.

### 3- AS IMAGENS E AS COISAS.

Uma breve conexão com o prefácio de “As palavras e as coisas” de Michel Foucault se faz necessária. Depois da explicação do que o motivou a pensar o livro – o texto de Borges sobre “uma certa enciclopédia chinesa”- Foucault coloca que nasce uma suspeita de que “há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém: (...) a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei, nem geometria” ( Foucault, 1992: 7) Sem lei e forma, O *Youtube* se constitui como o novo acervo da memória na atualidade. Entender o *Youtube* mais próximo também da sua porção de meio dentro do meio, mapeando a desordem e ambivalência nos situa na primeira parte de nossa proposta de codificar as imagens e as coisas.

Um estudo mais detalhado de algumas características materiais do meio é pensado a partir daquilo que Kerchove classifica como Escola de Toronto Sobretudo, McLuhan nos serve de ponto de partida para pensar um novo “estado” com a rede mundial de computadores através do dispositivo imagético. O recorte de Vinícius Andrade Pereira pensando McLuhan como um teórico categórico da memória, com a idéia de que o prolongamento da consciência se daria não somente no acúmulo de conhecimento, “mas, principalmente, com as novas possibilidades de rearranjar tais conhecimentos, através das mídias eletrônicas” ( Pereira, 2004, 149-150) , auxilia nossa passagem para unir a materialidade à memória.

A retomada dos estudos de Bergson na atualidade ajuda-nos a ingressar mais a fundo na questão desse Funes agora em rede. Bergson não atribui ao cérebro nem a função de “representar” idéias nem mesmo a função de arquivar lembranças. É nesse sentido que pensamos a relação entre memória e as novas imagens na rede mundial de computadores. Com observa Bergson “Ao mais ínfimo movimento do objeto ou dos olhos, já não haveria uma imagem, porém dez, cem, mil imagens, tantas quantas numa película cinematográfica ou mais...” (Bergson *apud* Rosenfeld, p.13), o Youtube é mais que um lugar da memória.

Embora não fosse pretensão de Gilles Deleuze analisar as novas imagens eletrônicas ou numéricas, ao final de *A imagem-tempo*, o autor coloca a necessidade de dar continuidade nesse sentido. Observa Deleuze “E a própria tela(...) não parece mais remeter à postura humana, como uma janela ou ainda um quadro, mas constitui antes uma mesa de informação, superfície opaca sobre a qual se inscrevem “dados””. ( Deleuze, 1985: 315)

Por fim, com Huysen, através da idéia de uma “arqueologia de dados” (Huysen, 2000:33), acreditamos que essas imagens são um novo objeto da memória. Como muitos pensadores da cibercultura indagam nos dias de hoje as mídias tradicionais enfrentam hoje a “concorrência” do virtual. Por exemplo, a internet parece desterritorializar televisão que se retorritorializa através do digital em um meio outro. A qualquer momento podemos refrescar a memória através de um vídeo que gostamos e nos conectar a ela por intermédio de uma simples pesquisa. A qualquer momento fazemos TV. No meio do caminho dos meios, a memória se depara com alguma outra imagem em movimento. Somos no *Youtube* mais ou menos como o personagem Joel Barish de “Brilho eterno de

uma mente sem lembranças” (Michel Gondry, 2003). Lutamos para reter o que gostamos com o auxílio das imagens. Lutamos para ver aquilo que queremos ver. Só que por trás dessa luta uma série de outras estão. Como citado no filme mencionado um dos aforismos de Nietzsche sobre a memória é preciso ser lembrado: “Abençoados os esquecidos, pois desfrutam até dos próprios erros”. Em meio a preocupação com a memória podemos esquecer as modas do *Youtube* para encontrar na ferramenta um novo brilho das imagens?

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS : O YOUTUBE E O ARQUIVO

A idéia de arquivo em Michel Foucault, a reboque do que foi dito sobre *As palavras e as coisas* anteriormente, “ de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (Foucault, 2007:147) é de fundamental relevância para uma possível genealogia do *Youtube*. As imagens na rede criam novas redes discursivas. Extratos... E a partir desses extratos um novo arquivo.

É na idéia de arquivo, de uma grande imagem-arquivo que tentamos pensar um possível desdobramento das questões trazidas com esse texto. Tomemos também o conceito de arquivo como apontado por Derrida, conceito que pertence a um “momento na história da técnica” (Derrida, 2001: 8) e que precisa compreender “que futuro terá a psicanálise na era do correio eletrônico” (*Id., Ibid*), por exemplo. Com as imagens na rede não só a psicanálise parece ter que se preocupar com seu futuro. “Como falar de uma ‘comunicação dos arquivos’ sem tratar primeiramente dos arquivos dos meios de comunicação” (*Id., Ibid*), questiona Derrida.

Miríade de possibilidades traz a temática do arquivo, da técnica de arquivamento no contemporâneo. Em meio a esse sem-número de possibilidades o arquivo audiovisual que se tornou o *Youtube* redefine também a própria relação do homem com a imagem. Da aliança entre a facilidade de produzir conteúdo, sobretudo com as câmeras dos telefones celulares, com a comodidade de distribuir conteúdo no *Youtube* e nas diversas comunidades virtuais (que permitem agora *links* para os vídeos), a ferramenta recria não só a internet, mas o homem. Constatação do cine-olho preconizado por Dziga Vertov,

mas também reificação de uma sociedade cada vez mais pautada pela ordem do espetáculo.

Lembrar Vertov, não significa esquecer Debord, pelo contrário. As teses número 4 e 34 do autor francês ainda e cada vez mais precisam ser lembradas. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (Debord, 1997:14), diz a primeira delas. “ O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que torna imagem” (*Id., Ibid: 25*) nos lembra a tese que encerra o primeiro capítulo da obra *A sociedade do espetáculo*. Nesse cenário não olhar para o *Youtube* é deixar para trás uma mudança na esfera da comunicação e da cultura. Mudança que nos faz retornar a nossa pergunta inicial e nos endereça a outras tantas. Que imagem é essa que sai da televisão, do cinema, da fotografia, da pintura e se transforma em uma memória viva? Que imagens são essas que colocam a disposição do contemporâneo o grande arquivo de nossa existência? Sem dúvida um rizoma informacional, salas de aula sem paredes e nenhuma, nenhuma Verdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRÄSSAI, Gilberte. *Proust e a fotografia*. Rio de Janeiro, JZE, 2005.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.
- KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da Cultura*, Lisboa, Relógio d'água, 1997.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora34, 2001.

\_\_\_\_\_ A inteligência coletiva. São Paulo: Loyola, 2007.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem: São Paulo, Cultrix, 1964.

\_\_\_\_\_ A galáxia de Gutenberg, São Paulo: Cia Editora Nacional, 1967

PEREIRA, Vinicius Andrade, Consciência e memória como objetos da comunicação, *In* Revista Famecos, nº 24, Porto alegre, 2004

ROSENFELD, Israel. A invenção da memória. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

### **SOBRE O AUTOR**

Wilson Oliveira da Silva Filho é graduado em Comunicação Social – habilitação Jornalismo. Especialista em Filosofia Contemporânea PUC - Rio. Mestre em Comunicação e Cultura ECO/UFRJ. Organizador do Livro Copas do Mundo de 1930 a 2002, Editora Rio, 2002. Professor dos Cursos de Graduação em Comunicação Social e Cinema e da Pós-Graduação em Jornalismo cultural e Telejornalismo da UNESA.